

A PERSONAGEM MELQUIÁDES E A GENIALIDADE OPERADA POR GARCÍA MÁRQUEZ NA OBRA CEM ANOS DE SOLIDÃO

Priscila Cristina Cavalcante Oliveira¹

Denise Moreira Santana²

O presente artigo visa apresentar uma análise do romance *Cem anos de solidão* de Gabriel García Márquez a partir do exercício estético observado nas ações e comportamentos dos personagens Melquíades e José Arcádio na primeira parte da obra. A pesquisa proposta buscará nos estudos sobre a Epistemologia do romance aporte teórico para revelar como o efeito estético provoca ruminções no campo da magia e do diálogo mítico ontológico provocado pelo tempo que causa sensações e questionamentos com a racionalidade da obra. Vislumbraremos ajustes realistas de lucidez do narrador ao lado das ideias de Arthur Schopenhauer, ao falar do gênio, o que nos auxiliará a buscar sentidos literários que se entranham na construção deste personagem.

Palavras-chave: Cem anos de solidão. Realismo. Gênio. Epistemologia do romance.

O romance *Cem anos de solidão* é uma obra complexa e rica em personagens e elementos da realidade que superam a imaginação humana, isso porque eles se transmutam em ficção que vai para além das fronteiras do que é crível aos olhos humanos. A partir dos estudos que fazemos no grupo da Epistemologia do romance³ vamos aqui trabalhar ideias que se operam no primeiro capítulo da obra com os personagens Melquíades e José Arcádio, desse modo, procuraremos compreender o sujeito personagem literário em seu tempo e espaço e principalmente entender a operação da racionalidade executada pelo autor narrador ao construí-los.

A nossa preocupação é mostrar como a racionalidade do autor narrador opera com o mundo da genialidade descrita por Schopenhauer (2003).

Todos esses domínios, cujo nome comum é *ciência*, seguem, portanto, o princípio de razão em suas diversas figuras. As ciências procuram tornar tudo concebível enquanto consequência de um fundamento, tentam fornecer para tudo um porquê, uma resposta, mas seu tema continua sendo o fenômeno, suas leis,

¹ Mestranda em Literatura pela Universidade de Brasília e membro do grupo de estudos Epistemologia do Romance.

² Doutoranda em Literatura pela Universidade de Brasília e membro do grupo de estudos Epistemologia do Romance

³ O grupo foi formado em 2003 pelo professor Dr. Wilton Barroso Filho e busca estudar a obra romanesca como um espaço de desafios para pensar a condição humana.

conexões e relações daí resultantes (SCHOPENHAUER, 2003, p.58).

A ciência e a arte terão em Schopenhauer princípios distintos, a primeira terá uma concepção aristotélica e a segunda, uma concepção platônica e pertencerá ao mundo das ideias, da genialidade, o que nos auxiliará assim, na compreensão da arte, em um conhecimento que se perde na intuição, na imaginação e no transbordamento. Para Schopenhauer é no gênio que se opera o excedente da capacidade de conhecimento a servir uma vontade subjetiva e vivaz na compreensão da realidade para além do fenômeno.

Para os nossos estudos sobre a Epistemologia do romance é possível que essa genialidade literária seja um fruto estético da racionalidade do autor que tão bem equaciona a figura do gênio na construção dos personagens Melquíades e José Arcádio, e que diante da constituição do personagem, sujeito humano, opera a subversão do conhecimento científico estabelecido pela coerência da lógica e da relação causal inesperada. É o impacto da ciência em um mundo que não tem ciência que conduz a arte literária à subversão do comum na obra.

O fato de termos em mente consequências previsíveis para determinados atos humanos nos faz pensar e agir cientificamente, sem deslumbramentos, com distanciamento de nosso objeto. A racionalidade científica faz sentido à medida que ela permite a observância de regras e normas capazes de controlar o espírito humano para uma descoberta. O que nos permite Schopenhauer é pensar que a arte é também uma ciência que extrapola a racionalidade, que vai além da lucidez do imediato porque a arte não se limita a um conhecimento exclusivamente científico.

Dessa forma, ao nos depararmos com a voz narrativa sobre Macondo observamos uma obra que constrói a sua própria lógica e seu próprio lugar. O narrador aqui nos conduz a conhecer o objeto literário de forma natural e proximal, somos também testemunhas, vemos o que está no limite entre o crível e o literário ao nos depararmos com a falta de limites de um ser racional. A nossa questão primordial na narrativa seria a de verificar como Melquíades com seus artefatos impulsiona a genialidade da obra. E os caminhos se abrem para que possamos percorrer uma possibilidade por vez.

O narrador tece uma rede de registros como se durante toda a narrativa estivesse dentro de um observatório contando de forma artesanal experiências. É um narrador-movimento, ele perpassa as vozes das personagens tendo conhecimento de seus

pensamentos, sentimentos e emoções. É o caminhar do tempo, ele o controla e se sobrepõe a uma invenção humana, uma vez que está em uma condição externa, em uma relação criada por ele. A voz narrativa é o acesso do leitor aos espaços de circulação das personagens dando ritmo próprio à narrativa.

A leitura do texto literário paralisa o olhar e constrói mundos possíveis. O narrador conta as histórias de vários personagens e projeta imagens a partir da linguagem. Os acontecimentos de Macondo e dos Buendía se tornam passado na voz do narrador, uma vez que são estruturadas gramaticalmente no tempo passado, mas as cenas acontecem na imaginação do leitor no presente. As cenas são traduzidas por meio da linguagem e se movem diante do leitor.

O narrador, como seu autor, não detém todos os fatos, nem é dono de todos os detalhes, muito menos de forma linear. Todo o intento de organizar uma narrativa é um esforço intelectual. O romance só é fruto do inconsciente porque é uma manifestação criativa, mas o fato narrativo, esse é rigorosamente consciente e cultural. O narrador então é um organizador de peças narrativas dispersas, conflituosas entre si, tensas e incompletas. O leitor por sua vez se não tem uma narrativa organizada, fa-la-á em sua cabeça. Pela necessidade de ordem e linearidade, de dar sequência lógica a uma massa amorfa de informações. Sequência que não corresponde ao mundo interior, inconsciente, da memória, mas a uma organização externa que lhe exige coerência e lucidez. (FERNANDES, 1996, p. 35-36)

A aldeia de Macondo era a de um mundo recente e um lugar a ser construído. A chegada dos ciganos marcava, de certa forma, a passagem do tempo, bem como, as ideias e imagens contraditórias que transcorriam nos anos e nos dias, o cronos, tempo quantitativo dos homens e o kairós, o momento certo e oportuno, de natureza qualitativa em que algo especial pode acontecer.

Macondo transformava-se em alvoroço e seduzia-se pelo diferente com a chegada da família de ciganos. Os habitantes macondianos viam o que não era visto antes e sentiam os espaços confluírem simultaneamente; ao passo que Melquíades mostrava o imã como a oitava maravilha dos sábios alquimistas da Macedônia, Macondo via os movimentos da função atrativa daquele novo invento de forma quase simultânea, assim:

todo mundo se espantou ao ver que os caldeirões, as caçarolas, os alicates e os fogareiros caíam de onde estavam, e as madeiras rangiam por causa do desespero dos pregos e parafusos tentando se soltar, e até mesmo os objetos perdidos há muito tempo apareciam onde mais

tinham sido procurados e se arrastavam em debandada turbulenta atrás dos ferros mágicos de Melquíades (MARQUÉZ, 2016, p.7).

Está evidente que o contato entre a aldeia e o mundo exterior mudava a rotina e era sentido por todos, cada um a sua maneira, inclusive para seres inanimados e desprovidos de vontade como os pregos e parafusos. Por meio das demonstrações públicas das novas inovações feitas pelos ciganos, Macondo, o mundo interno, experienciava o não conhecido, o mundo externo.

Melquíades, homem sábio e taciturno, figura que suscita o enigmático, o alegórico e o mítico sobre a vida dos habitantes macondianos é também um potencial criativo. As idas e vindas dos ciganos contribuem para o desenvolvimento cultural e urbano de Macondo. É por meio dos relatos de viagem e dos conhecimentos adquiridos pela vida nômade que o povo da aldeia de Macondo começa a ver, a sentir e a perceber o novo que o mundo pode oferecer. O mundo recente transforma-se aos poucos em um mundo que respira possibilidades de ser outro.

Macondo naufragava numa prosperidade milagrosa. As casas de pau a pique dos fundadores tinham sido substituídas por construções de tijolos, com persianas de madeira e chãos de cimento, que tornavam mais suportável o calor sufocante das duas da tarde” (MÁRQUEZ, 2016, p. 210 e 211).

Melquíades apresenta-se onipresente, sua figura é sentida em toda a narrativa, mesmo depois da sua morte. Melquíades está em todos os lugares, o seu nomadismo que antes era geográfico, transforma-se em literário. As experiências de viagem do cigano deixam marcas no seu corpo que são inseparáveis do ser pacífico que Melquíades se transformará.

No início da narrativa, as primeiras aparições de Melquíades em Macondo são carregadas de estereótipos e desejo econômico por José Arcádio Buendía, o patriarca e o fundador, “Mas naquele tempo José Arcádio Buendía não acreditava na honradez dos ciganos, e trocou sua mula e uma partida de bodes pelos dois lingotes imantados” (MÁRQUEZ, 2016, p. 8). No segundo momento, Melquíades, pouco a pouco, torna-se próximo e amigo da família Buendía. José Arcádio, homem rústico e inserido no contexto de um mundo recente, e Melquíades, homem aventureiro e de vários mundos, compartilharam uma amizade. Os dois são experimentadores e a convivência traz mudanças no modo de ser e de ver do mundo de cada um.

José Arcádio, fundador de Macondo e patriarca, sempre se preocupou com a sua família e todos da aldeia, mas com a chegada de Melquíades passa meses em seu laboratório rudimentar, no quarto, dedicando-se às suas experiências e abandona a rotina dos afazeres domésticos e os cuidados com a família.

Melquíades também muda com o contato, deixa de ser um simples forasteiro e passa a ser parte da vida dos Buendía “no sufocante meio-dia em que revelou seus segredos, José Arcádio Buendía teve a certeza de que aquele era o princípio de uma grande amizade” (MÁRQUEZ, 2016, p. 12). A amizade selada pela necessidade da descoberta e do mistério que carregava consigo o cigano.

Melquíades é visto por José Arcádio com estranhamento e depois com enorme admiração. O patriarca entrega-se fascinado às investigações e experimentos com o objetivo de aproveitar o conhecimento científico de Melquíades na sua vida prática e na solução de problemas. A sua “desaforada imaginação ia sempre mais longe que o engenho da natureza, e muito além do milagre e da magia, pensou que era possível servir-se daquela invenção inútil para desentranhar ouro da terra”. (MÁRQUEZ, 2016, p. 7). De fato o texto mostra o quanto o homem se subjulga ao valor material do ouro.

José Arcádio interpreta os novos artefatos mostrados por Melquíades com uma ânsia desmedida de conhecimento e traça projetos delirantes. Ele busca em Melquíades algo semelhante, o halo de mistério e de sabedoria do cigano invadem a vida do fundador de Macondo que se dedica por inteiro às suas experiências táticas, aos seus cálculos e às possibilidades estratégicas, e mesmo pondo em risco a qualidade de vida da sua família entrega o pouco de riqueza que tem em troca dos inventos trazidos pelos ciganos. O patriarca tem o desejo de conhecer como Melquíades as maravilhas do mundo, de ser transformador, de demonstrar publicamente seus inventos e ser visto por todos como um alquimista.

Os inventos recém-chegados invadem Macondo. O primeiro deles é o imã, conhecido na Macedônia, uma terra distante. Melquíades arrasta dois lingotes metálicos pelas ruas e todos espantam-se ao verem e sentirem os efeitos do experimento. O imã é o símbolo da busca e do encontro. Por meio da demonstração pública, Macondo entra em contato com o fenômeno natural do magnetismo e observa os traços de racionalidade do que é visto, sentido e percebido. Melquíades e os outros ciganos são atraídos pela aldeia de Macondo por ser um lugar propício para o empreendimento. A aldeia não conhecia o

que já era evidente nas outras partes do mundo, o novo para Macondo ainda era o inesperado.

O imã transformou-se dando lugar a bússola e a orientação. Melquíades orienta José Arcádio, homem que busca a alquimia, durante o processo de aprendizagem. O cigano deixa mapas portugueses, instrumentos de navegação e sínteses de estudos para ajudá-lo em seus experimentos aguça-lhe a curiosidade e a ganância,

quando se tornou perito no uso e manejo de seus instrumentos, chegou a uma noção do espaço que permitiu a ele navegar por mares incógnitos, visitar territórios desabitados e travar relações com seres esplêndidos, sem a necessidade de abandonar seu gabinete (MÁRQUEZ, 2016, p. 10).

O patriarca não carece de sair do seu quarto para conhecer outros territórios, o que não é crível, mas é literário. O literário permite a reversão da causalidade como um jogo de possibilidades, o que estabelece uma confusão entre a causa e a consequência, o tempo e a lógica, incluindo nesta o caráter intencional da linguagem utilizada pelo autor. O texto já não segue a lógica da ciência, mas a da genialidade da criação literária, são caminhos que nos conduzem às entranhas de um universo que beira os limites da loucura e da racionalidade conduzidas pela literatura cervantina em *Don Quixote de la Mancha*.

No próximo março, os ciganos trouxeram a luneta e a lupa, descobrimentos dos judeus de Amsterdã. Por meio de demonstrações e experimentos ao ar livre, o povo de Macondo via diante de si os instrumentos ganhando utilidade, ou melhor, ganhando vida. Com a luneta e a lupa não foi diferente, a troca de moedas as pessoas conseguiam ver, sentir e perceber o instrumento levado e a experiência de conhecer o não conhecido marcava a memória de todos. A luneta, instrumento de aproximação, é o símbolo da visão do outro, do mundo externo. O que nos alcança citar as palavras de Octavio Paz: “O novo nos seduz não por ser novo, mas por ser diferente; e o diferente é a negação, a faca que corta o tempo em dois: antes e agora” (PAZ, 2013, p.17).

A luneta, mediante as lentes, facilita a observação do distante, permitindo ver mais próximo o que antes era inalcançável, como os astros. Macondo com a luneta viu o outro e voltou o olhar para si, encontrou o mundo externo e outro modo de ser de si mesmo. Semelhante à luneta, a lupa também foi demonstrada publicamente a Macondo. Com a lupa, a imagem que se forma do artefato pode ser vista de forma distanciada ou

aproximada. É o símbolo do espaço e do lugar, ao mesmo tempo que separa um lugar do outro, como o mundo recente do mundo externo, aproxima os dois.

A lupa contribui para o povo experimentar, por meio do olhar, o inimaginável e incompreensível. O patriarca leva seus instrumentos de navegação para ir em busca de um norte invisível e encontra o mar. José Arcádio regressa de sua expedição com novos ares “Ali mesmo, do lado de lá do rio, existe tudo que é tipo de aparelho mágico, enquanto nós continuamos vivendo feito burros” (MÁRQUEZ, 2016, p. 15). O desconhecimento do mundo foi a sua salvação, mas não a sua redenção.

A busca do novo em Macondo desenvolve-se e o seu povo sente os resultados benéficos e destrutivos dos instrumentos nunca vistos antes. Em outro março, o gelo e a notícia da morte de Melquíades chegam a Macondo por outros ciganos. O invento é apresentado ao povo em forma de espetáculo e, no primeiro momento, todos sentem que estão diante de algo divino.

O gelo é o símbolo do tempo que se esgota, é o elemento transformador. É o único invento mostrado para o povo de Macondo que perpassa pelos três estados físicos, o sólido, o líquido e o gasoso, dependendo de fatores de temperatura e pressão, mudando sua estrutura originária. José Arcádio não mede esforços e nem valores para ver e tocar o que ele mesmo chamou de “o grande invento do nosso tempo” (MÁRQUEZ, 2016, p. 25).

O gelo proporciona um novo olhar e leva a Macondo o aspecto econômico e o desenvolvimento. O que antes era entretenimento, transforma-se em matéria prima e é manuseado por outros personagens na narrativa criando dimensões novas e funcionais do seu uso, Aureliano Centeno, por exemplo, “já tinha começado a experimentar a elaboração de gelo usando suco de frutas em vez de água, e sem saber nem se propor a isso conceber os fundamentos essenciais do sorvete” (MÁRQUEZ, 2016, p. 241).

José Arcádio fascina-se pela alquimia, pela sedução que a experiência e a transformação envolvem, ele se deixa levar pelo novo, pelo movimento e pela mudança, impulsionado pela ciência vai além do racional consegue mostrar que o limite entre a loucura e a razão é a fascinação de sua imaginação. A ação e o comportamento de Melquíades provam o conjunto de saberes adquiridos pelo nômade. O cigano é o movimento, dentro de si tem todos os lugares, conhece o mundo externo e sabe como conquistar espaço central em outros ambientes com estes inventos.

Para concluir devemos pensar que a operação da genialidade na obra transpõe a barreira do mágico na literatura, a criação da interação entre personagens tão diferentes obriga-nos a refletir sobre a condição humana da possibilidade de extrapolar os limites da ciência pela arte, a possibilidade que tem o narrador de demonstrar que a genialidade vai além da criação de seus personagens, mas se instaura na percepção de que na realidade humana o que não se explica é mais expressivo do que o que se explica.

Melquíades é um personagem que interage com o personagem principal provocando nele a curiosidade e a conclusão antecipada da ciência. José Arcádio era extremamente ganancioso e essa ansiedade trouxe como consequência a busca pela solução mágica dos artefatos que lhe traziam a certeza do êxito material, o homem para de pensar e sua falta de reflexão consciente o torna manipulável, não pelo amigo, mas pela situação que a vida lhe propicia. Na realidade é a construção literária de uma armadilha para a ganância de um homem comum, de um mundo desconhecido é o interior tomado pelo exterior.

A habilidade narrativa do autor proporciona-nos o convívio com a genialidade, com a comparação e a aproximação do conhecimento científico em um mundo que desconhece a si mesmo.

Referências

BENJAMIN, Walter. **O narrador**. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política. Obras escolhidas. São Paulo: Brasiliense, 3.ed., 1987.

FERNANDES, Ronaldo Costa. **O narrador do romance**: e outras considerações sobre o romance. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1996.

MÁRQUEZ, Gabriel García. **Cem anos de solidão**. Tradução Eric Nepomuceno. 89ªed. Rio de Janeiro: Record, 2015.

KUNDERA, M. **A arte do romance**. Tradução de Teresa Bulhões C. da Fonseca e Vera Mourão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

PAZ, Octavio. **Os filhos do barro**: do romantismo à vanguarda. Tradução de Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

SCHOPENHAUER, Arthur. **Metafísica do belo**. Tradução, apresentação e notas Jair Barboza. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

